

O livro de Engels é composto pela reimpressão de três artigos publicados revista do Partido Social-democrata Alemão, Volksstaat, em 1872. Época essa de crescimento econômico da Alemanha, de entrada na cena mundial deste país, não só como um “império unificado” mas também como país industrializado. Essa época ao mesmo tempo que conta com circunstâncias favoráveis de todos os ramos ligados a produção, também conta com a “penúria de habitações”, que como Engels nomeia a carência de alojamentos adequados e acessíveis para os trabalhadores.

O livro tem como elemento principal a crítica à algumas interpretações e soluções apontadas para o problema da habitação que o país vinha passando, Engels critica principalmente Proudhon e seus seguidores, mais especificamente um deles, Mülberger e também critica as análises burguesas sobre o assunto.

Engels em seu prefácio apresenta a paradoxal situação dos trabalhadores que tem o “privilégio” de possuir uma casa ou terreno nesse período de crescente industrialização alemã. Onde esta situação, por um lado representa um entrave para o trabalhador, uma desgraça para a classe assalariada, de descida do nível dos salários. Por outro lado esta posse tornou-se parte importante do comércio alemão e também de garantia de mínimas condições de subsistência para os trabalhadores, que possuíam um pequeno lote de terra. Há também um grande interesse dos burgueses e pequenos-burgueses nessa posse dos trabalhadores, não no sentido de expropriá-los, mas pelo contrário, tentando tornar cada trabalhador proprietário de uma pequena casa “ e deste modo acorrentá-lo ao seu capitalista por laços semi-feudais.” (ENGESL, p. XVII, 1979)

A primeira parte de sua obra consiste em analisar e criticar como Proudhon resolve a questão da habitação. Engels ressalta que na tentativa de transplantação da escola de Proudhon para a Alemanha há uma regressão em toda a evolução do socialismo alemão.

Engels ressalta o fato de que a crise da habitação não reside no mal alojamento da classe operária e da vida em moradias superlotadas e insalubres, que também não é um problema próprio do proletariado moderno. A solução dessa crise só pode ser feira,

¹ Acadêmico do curso de História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, vinculado ao Laboratório de Pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais e do Grupo de Pesquisa História Social do Trabalho e Cidade. Bolsista de Iniciação Científica pelo CNPQ. E-mail: l.e.gaspar@hotmail.com

segundo Engels, com a eliminação da exploração e opressão da classe trabalhadora pela classe dominante.

Essa crise do alojamento é entendida como um agravamento das más condições de trabalhadores, como resultado do grande deslocamento populacional do campo para as grandes cidades, que causa um aumento brusco dos aluguéis. Esta crise não está limitada a classe operária, mas também atinge de alguma forma a pequena burguesia. A crise é na verdade um dos males originados do modo de produção capitalista, mas que não é consequência direta da exploração do trabalhador. Dela resulta o afastamento dos operários do centro da cidade em rumo a periferia e que cada vez mais se tornam caros e escassos as moradias para os trabalhadores.

Engels critica a postura de Proudhon e Mühlberger de encararem a questão da habitação como exclusiva da classe operária. Lembra também que na questão da habitação há duas partes que se opõem: o inquilino e o proprietário, que estabelecem uma transição comercial do tipo corrente entre dois cidadãos.

Atacando mais uma vez Proudhon, Engels afirma que se esse indivíduo tenta se evadir da realidade econômica, refugiando-se na “fraseologia jurídica”, apelando sempre para a “justiça eterna”. Engels critica a visão nostálgica de Mühlberger em relação a períodos anteriores a industrialização, dos benefícios desse período anterior e das lamentações em relação a expulsão dos trabalhadores de seus lares. Em relação a isso Engels ressalta que foi a grande indústria moderna que tornou o operário liberto de todas as cadeias tradicionais, sendo emancipados moralmente e é somente esse proletário, criado pela grande indústria, tem as condições de realizar uma transformação social que colocará fim a exploração e dominação de classe.

Uma das soluções para essa crise da habitação, que é apontada pelos proudhonianos, é a de retirar o lucro ou juros desses proprietários, mas Engels ressalta a inaplicabilidade desta solução pois: “A massa de trabalho não paga, arrancada à classe operária, continuaria sendo exatamente a mesma se amanhã se retirasse dos proprietários de casas a possibilidade de obrigarem que lhes sejam pagos rendas da terra e juros.” (ENGESL, p. 11, 1979).

Outra solução apontada pelos Proudhonianos é a de compra da habitação pelo trabalhador. Mas a medida em que esta solução tem elementos racionais, aplicáveis na prática, ela, na verdade, está sendo reproduzida pela própria burguesia e não pela ideia revolucionária, ou seja, procurando sufocar o espírito de revolução dos trabalhadores

através do título de propriedade. E é exatamente por isso que Engels acha que Proudhon não traz uma alívio para a classe operária, e que na verdade volta-se contra ela.

Engels então se questiona, como resolver, portanto, a questão da habitação? E em seguida responde que, essa solução não se faz naturalmente, e sim pela expropriação dos proprietários, pela ocupação de seus imóveis e pela tomada do Poder Político pelos trabalhadores.

Na segunda parte de sua obra Engels mostra como a grande burguesia, assim como a pequena, está interessada no problema da habitação. Ressalta então, inicialmente, o “nobre” estímulo dos burgueses-filantropos em favor das epidemias que proliferavam de maneira abrupta nos “bairros insalubres”, visavam não permitir a proliferação dessas epidemias na classe operária, pois seriam eles que sofreriam as consequências. Mas mesmo com diversas ações das classes dominantes contra esse problema das epidemias a situação não melhorou. Vendo isso, torna-se interessante e clara uma passagem de Engels que diz: “ A característica essencial do socialismo burguês é procurar conservar a base de todos os males da sociedade atual e querer, ao mesmo tempo, aboli-los.” (ENGESL, p. 23, 1979).

Engels direciona suas críticas nesta parte do livro ao Sr. Emil Sax que autor de obras que descrevem claramente a maneira burguesa de resolver o problema da habitação. Segundo Sax o a solução para o problema seria o melhoramento das habitações das classes trabalhadoras sendo possível assim remediar a miséria física e moral desses sujeitos. Diante disso Engels se pergunta de onde provem a crise da habitação e constata que ela é um produto da forma social burguesa, mas os burgueses não são adeptos dessa resposta, e para explicar a crise apelam sempre para considerações morais sobre a moralidade dos homens.

Outra solução apontada por Sax é a da transferência para os operários a propriedade da moradia deles. Engels realizando uma série de análises sobre essa consideração constata que se isso ocorresse o trabalhador continuaria pagando aluguel de sua própria moradia, não mais como soma de dinheiro dada ao proprietário, mas agora sob forma de trabalho não pago executado por conta do fabricante que o emprega. O problema da solução então, definitivamente, não é o da simples posse de habitações pelos trabalhadores, não se isso ocorrer sem uma revolução social completa.

Engels realiza algumas observações sobre as “colônias” operárias, que são as aglomerações operárias em redor das grandes indústrias, que são consideradas como um

grande avanço pelos burgueses, mas na realidade essas colônias não solucionaram o problema da habitação, pelo contrário, foram elas que intensificaram esse problema.

Em suma, as análises de Engels concluem que o capital definitivamente não quer resolver o problema das habitações, mesmo que pudesse fazê-lo. Restando apenas duas opções: o auxílio mútuo dos trabalhadores e a ajuda do Estado. Sax é adepto da concepção de ajuda mútua, mas reconhece que ela só tem eficácia no campo. Mas Engels, lembra que apesar disso o auxílio mutuo fez alguns avanços na Inglaterra, com as *building societies*, mas logo em seguida lembra também que essas *building societies* não são sociedades operárias e que essencialmente especulativas.

Excluindo então o auxílio mútuo dos trabalhadores de sua lista, Engels parte para a ajuda do Estado. Mas tem a clareza de que este também não resolve o problema, pois, “... o Estado atual não quer remediar essa brecha que é a penúria de habitações. O Estado é apenas o poder total organizado das coasses possuidoras, dos proprietários de terras e dos capitalistas diante das classes exploradas, dos camponeses e dos operários.” (ENGESL, p. 46, 1979).

Engels conclui esse capítulo afirmando que a burguesia tem somente um método para resolver o problema da habitação de sua maneira, que é chamado por Engels de “Hausmann”, que consiste na prática de abrir brechas nos bairros operários, com medidas de saúde pública e de embelezamento. Essa ação tem sempre os mesmos resultados, apesar de acabarem com esses becos e ruelas tornando “gloriosa” a burguesia, esses becos e ruelas aparecem imediatamente muito próximos aos que foram extintos. Sendo assim, os problemas não são solucionados pela burguesia, mas sim somente transferidos.

Em seu último capítulo Engels uma réplica as respostas de quando foi criticado (primeiro capítulo), ironicamente propõe respondê-lo com um “tom” de harmonia, já que isso não foi feito por Mülberger.

Mülberger afirma que os princípios formulados por Proudhon são a alma motora do movimento desses trabalhadores. Engels nega isso, afirmando que a “alma motora” do movimento operário não reside em “princípios”, mas no desenvolvimento da grande indústria e suas consequências, na verdade “alma motora” deriva das necessidades práticas.

Esses princípios de Proudhon são considerados por Engels “receitas reformistas”, e foi lamentável que tenham sido usadas pelos trabalhadores latinos.

Mülberger é encarado por Engels como um pequeno-burgues, tendo o artesanato como seu modo de produção modelo.

Engels vê no contrato de aluguel uma transação comercial como outra qualquer, se apresenta também como uma das varias formas de fraude burguesa, que estão submetidas as leis econômicas. Já Mülberger vê o contrato de aluguel com pura arbitrariedade.

Ao criticar Proudhon novamente, Engels afirma que descrever é uma coisa e exigir é outra, o socialismo científico alemão descreve as relações econômicas tais como elas são, como evoluem e como podem culminar na revolução social, já Proudhon “exige que a sociedade atual se transforme, não segundo as leis do seu próprio desenvolvimento econômico, mas sim segundo os preceitos de justiça.” (ENGESL, p. 62, 1979).

Mülberger lamenta a “abominação dos tempos atuais” porque os operários não tem uma casa própria, pretendendo assim restabelecer a propriedade individual de uma casa para cada trabalhador, da mesma forma problemática analisada e criticada no primeiro capítulo. Apesar de Mülberger negar esta acusação e afirmar que partilha da ideia de que a solução do problema da habitação é “ ‘a apropriação efetiva de todos os instrumentos de trabalho, de toda a industria, pela população trabalhadora. ’ ”(ENGESL, p. 70, 1979) Engels não encontra em seu texto o momento em que realmente ele afirma essa ideia e a defende. Engels lembra também que essa apropriação efetiva dos instrumentos de trabalho pela classe trabalhadora não exclui a manutenção do aluguel e do arrendamento, mas sob outras circunstâncias.

Mülberger critica Engels no sentido de não se contentar a fornecer formulas mortas e abstratas, acusando Engels de não se “pratico” em suas formulações. Mas Engels se defende dizendo que se Mülberger tivesse efetivamente ter se tronado prático, o movimento operário seria grato a ele e mais, Engels também ressalta que o primeiro passo para abordar as relações concretas e determinadas da sociedade é aprendê-las e analisá-las no contexto econômico em que são geradas. Sendo assim, Mülberger ao invés de analisar as relações concretas da sociedade, se contenta em ler obras de Proudhon, que lhes fornecem nada mais que receitas concretas e determinadas para todos os males sociais.

O texto de Engels continua importante até a atualidade pois, de alguma forma, alerta para as representações feitas sobre os problemas da habitação e mais, de analisarmos de forma critica as “soluções” apontadas por alguns grupos sociais, de

como essas soluções proporcionam mudanças efetivas, ou não, para os problemas não somente relacionados a habitação, mas da classe trabalhadora como um todo. Logicamente que na contemporaneidade alteraram-se as praticas das classes dominantes e dos intelectuais de justificar o problema da habitação ou até mesmo de apontar alguma solução para este problema. Devemos estar atentos, assim como Engels esteve, à essas “artimanhas” utilizadas por essas classes, e jamais descartar a possibilidade de uma revolução social a partir da classe trabalhadora, que consciente de sua condição aja para por um fim, definitivamente, neste grande problema que cerca até hoje a humanidade.

REFERÊNCIAS:

ENGELS, Friederich. A Questão da Habitação. Belo Horizonte: Aldeia Global Editora. 1979.